



ABBY JIMENEZ

*Autora do best-seller
Para sempre seu*



O pior



CUPIDO

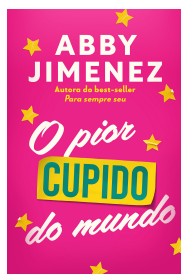


do mundo



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



ABBY
JIMENEZ

O pior
CUPIDO
do mundo

Produção
KATIA LIMA

REDAÇÃO

Sumário

Capa

Folha de rosto

Sumário

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

Agradecimentos

Sobre a autora

Créditos

Landmarks

Cover

Table of Contents

Title Page

1

Holly

Tinha um envelope no meu para-brisa.

Imediatamente, travei as portas do carro.

Eram três da tarde, e eu estava no meio do meu turno. Tinha que passar na farmácia e achei que era o momento mais propício para isso. O grupo de bridge da vovó estava de visita, e o apartamento dela estava lotado. Eu não gostava de me ausentar por muito tempo, mesmo quando minha paciente tinha convidados, então corri para entrar no carro e só percebi o cartão embaixo do limpador de para-brisa quando estava sentada no banco.

Eu já tinha visto vááários vídeos de alerta sobre essa mesma situação: um sequestrador põe uma coisa no seu carro e, quando você vai olhar, ele te agarra enquanto você está distraída e te sequestra para te matar. Eu não seria morta no Dia dos Namorados, por uma questão de princípios: dali a três anos, uma garota estaria no YouTube se maquiando, falando sobre a morte horripilante no Dia dos Namorados de uma enfermeira solteira de Burbank, que morreu porque não tinha um namorado para acompanhá-la até o carro. Não, obrigada. Amanhã você me mata.

Liguei para minha irmã, Jillian, enquanto tirava o carro da vaga. Ela atendeu no primeiro toque.

— E aí, beleza?

— Pode ficar um pouco no telefone comigo?

Vi de relance um adesivo de coração vermelho no verso do envelope.

— Alguém colocou uma coisa bizarra no meu carro.

— Como assim bizarra?

— Um cartão com corações.

— Aaaaaaahhh, e se for de um admirador secreto?

Soltei uma risada sarcástica.

— Não é. Confia em mim.

— Não, sério. E se... — Ela arfou. — E se for do *Jeb*?

— Acho que prefiro o assassino.

Jeb era o meu ex. Namoramos por dois anos e terminamos três meses atrás, depois que descobri que ele passou quase o namoro inteiro me traindo ao ver a foto dele no grupo “Nós namoramos o mesmo cara?” no Facebook. E, sim. Estávamos toodas namorando o mesmo cara.

— Quer que eu vá aí com uma faca? — perguntou ela.

— Não. Estou indo à farmácia. Vou estacionar em algum lugar público e ver o que é.

Dirigi até a farmácia, verificando o retrovisor durante todo o caminho. Estacionei em uma vaga um pouco adiante, em frente ao Kintsugi Day Spa. Tinha quase certeza de que não estava sendo seguida, mas mesmo assim saí do carro, peguei o cartão e voltei para dentro em um segundo.

Era um envelope branco selado com um adesivo metalizado de coração vermelho. Abri. Tinha um cartão de Dia dos Namorados do Scooby-Doo que dizia “Eu te AUmo” na frente. A mensagem dentro estava escrita à mão, em tinta de caneta preta:

Andrea, você é a melhor coisa que aconteceu comigo. Tenha um ótimo dia de trabalho. Eu te amo. Feliz Dia dos Namorados!

E tinha também um “vale-sexo” para ser usado na data e na hora de escolha. Sem prazo de validade.

Revirei os olhos e guardei o cartão no envelope.

— E aí? — perguntou Jillian. — É o quê?

— Uma carta de amor. E não é pra mim. Alguém deve ter posto no carro errado.

— Ahhhh. Que fofa! Mas é meio esquisito ele não saber qual é o carro da namorada.

Joguei o cartão no porta-luvas.

— E aí, o que você fez hoje?

— Fugi dos pretendentes.

— Haha!

— É sério. Eu parecia uma ninja. Aquele cara que é dono da loja de *wakeboard* levou umas rosquinhas pra mim, e eu tive que me esgueirar pra trás do balcão. Machuquei meu ombro. Você pode dar uma olhada?

— Você sabe onde me achar.

Minha irmã era um adorável pacotinho de caos com TDAH. Tinha uma beleza delicada, só usava roupas de brechó, estava sempre com uma cor de cabelo diferente e nunca se comprometia com ninguém, o que parecia aumentar o frenesi masculino em torno dela.

— Como está a vovó hoje? — perguntou ela.

— Na mesma. De bom humor.

— E você?

Dei de ombros.

— Estou bem.

Não era verdade. Fazia um tempo que eu não estava bem.

Apoiei a cabeça na mão e me encostei na janela.

Sempre tive facilidade em separar minha vida profissional da pessoal. Acho que era parte do meu dom. Tinha a compaixão exigida pela profissão, mas também a capacidade de deixar tudo para trás assim que saía pela porta.

Agora, quando terminava o trabalho, entrava no carro e chorava. Porque meu trabalho era ver minha avó morrer.

Não tinha como não aceitar o trabalho. Eu era enfermeira de pacientes terminais, a escolha óbvia. E era uma honra ser a pessoa que prestava a maior parte dos cuidados à minha avó. Mas era desgastante demais. Eu tinha passado por um rompimento traumático e inesperado, fui morar em outra cidade, em um apartamento novo que ainda parecia um hotel para mim, e logo depois recebi o diagnóstico da vovó. E as responsabilidades de ser parte da família tornavam tudo mais difícil.

Era eu quem atualizava a página do CaringBridge para que os primos de fora do estado pudessem acompanhar a jornada de fim de vida da vovó. Também estava planejando o funeral dela

com a mamãe. Não tinha dias de folga, e os cuidados intermináveis estavam me deixando exausta. Mas não queria dias de folga; eu queria ficar com a vovó. O que queria era mais tempo.

O tempo é uma coisa tão preciosa... O modo como você gasta, a maneira como desperdiça. E torna-se ainda mais valioso conforme a ampulheta se esvazia, porque você nunca conseguirá mais dele. Eu vejo isso todos os dias. O pânico quando os últimos grãos de areia caem.

Acho que foi por isso que fiquei tão ressentida com o Jeb. Ele me fez perder tempo.

Ele também roubou meu higienizador nasal, o que por algum motivo me irritou mais do que a traição. Ele *não* merece ter as narinas desentupidas.

— Vamos combinar o que não vai acontecer hoje — disse Jillian. — Não vamos ficar chorando por um homem meio feioso, meio careca, que deixou um xampu quatro em um no seu boxe. Você é uma maravilhosa Deusa da Morte, entendeu?

— Deusa da Morte... Preciso de uma camiseta com essa estampa... — murmurei.

— Vou ficar com você. Vamos comer chocolate até passar mal. E não fica aí se lamuriando. Sai do carro, vai tocar na grama.

Assenti com a cabeça, embora ela não pudesse me ver.

Nos despedimos e desligamos.

Olhei para o spa à frente do meu carro, para uma grande placa amarela anunciando banhos de lama e tanques de flutuação.

Teria sido bacana receber um cartão no meu para-brisa hoje. Um que fosse para mim. Mas eu tinha que aceitar que não estava conseguindo o que queria e que seria assim por um longo tempo.

2

John

— Você tinha literalmente UMA TAREFA.

Meu irmão, Frank, estava parado perto da minha escada.

— Desculpa — disse eu, distraído, olhando para os fios pendurados no buraco no teto da sala. — Quem diria que tem tantos Hondas brancos por aí?

— Agora ela vai pensar que eu não comprei nada pra ela.

— Vou dizer a ela que a culpa é minha. Fiz besteira, fui eu. Você fez isso aqui? Foi uma pessoa que arrumou essa fiação? Parece obra de uma família de guaxinins.

— Não sou eletricitista, sou dentista. Foi por isso que liguei pra você. Sabe, você deu meu vale-sexo pra uma pessoa qualquer.

Me virei para olhar para ele.

— Foi isso que eu entreguei? Você tá me zoando?

Meu irmão encolheu os ombros.

Balancei a cabeça.

— Agora acho que te fiz um favor, perdendo o cartão. E também acho que preciso achar o carro onde coloquei e pedir desculpas.

Frank bufou.

— Idiota!

Desci da escada e olhei para o relógio.

— Vou passar na Home Depot e pegar o ventilador de teto. O que mais você precisa que eu faça?

Olhou ao redor.

— A torneira da cozinha está vazando, as janelas precisam de telas novas. Ah, e a lava-louça não está funcionando direito.

Olhei para ele.

— Isso porque é de 1974. Você precisa de uma nova.

Ele respirou fundo.

— Tá.

Enfiou a mão no bolso de trás e tirou a carteira.

— Compre a que você achar melhor. Tem certeza de que não é pra eu pagar pelo serviço?

— Considere isso um presente pra sua casa nova. Não é todo dia que você compra seu primeiro apartamento — disse eu.

Frank me entregou o cartão de crédito.

— Acho que cheguei à idade em que entendo por que as pessoas ficam tão felizes quando ganham eletrodomésticos em programas de televisão.

— Espera até começar a pagar o condomínio.

Ele deu risada.

— Tem certeza de que tem tempo pra isso?

Eu não tinha. Mas ia fazer mesmo assim.

Meu irmão me apoiou no ano passado, durante minha separação. Foi de longe o pior momento da minha vida, e minha companhia não era *nada* divertida. O mínimo que eu podia fazer era garantir que ele não morresse eletrocutado.

Fui e voltei num pulo. Parei para comer um sanduíche e voltei para a garagem uma hora depois. O Honda branco estava lá. O pneu traseiro direito estava um pouco baixo. Foi fácil de reconhecer.

O condomínio era enorme. Havia apartamentos próprios e alugados com uma garagem enorme, sem vagas fixas. As probabilidades de eu ver aquele carro outra vez eram mínimas. Achei que o universo estava me enviando um sinal de que, sim, eu precisava me desculpar com o coitado do destinatário do vale-pinto do meu irmão.

Fucei no meu porta-luvas e achei uma caneta. Então rabisquei uma mensagem no verso da minha notinha do Subway e encaixei no limpador de para-brisa.

3

Holly

Eu estava indo para o carro quando vi um papel balançando no para-brisa do lado do passageiro. Peguei e me sentei no banco da frente. Era um bilhete escrito num recibo:

Oi. Ontem recebi a missão de colocar um cartão de Dia dos Namorados no carro da namorada do meu irmão e acho que pus no carro errado. Desculpa. Sei que tinha um vale ali que ninguém nunca deveria ter visto. Espero não ter causado nenhum problema entre você e a pessoa que você namora. Ass.: O Pior Cupido do Mundo (obviamente).

Ri sem achar muita graça. Dobrei o papel e coloquei no porta-copos.

O misterioso cartão do Dia dos Namorados era do dia anterior. Ainda estava no meu porta-luvas, e eu não sabia bem o que fazer com ele. Pensei que talvez pudesse deixá-lo pendurado em algum quadro de avisos do prédio. Não achava certo jogá-lo fora.

Dirigi para casa. Quando cheguei, tirei o suéter e o deixei no braço do sofá. Então olhei para o meu apartamento, cansada.

Ainda não conhecia o lugar. Estava cheio de coisas minhas, mas, nos dois meses morando ali, eu não tinha passado um dia inteiro ali. Não desde que a vovó começou a receber cuidados paliativos em casa. Eu não tinha desfeito as malas, não tinha deixado tudo do meu jeito. O apartamento era tão aleatório para mim quanto o resto da minha vida naquele momento: um tanto familiar, mas estranho também.

Fiquei perambulando, reguei plantas descuidadas. Dei uma olhada na correspondência e paguei algumas contas. Dobrei um monte de roupa. Depois, me deitei na cama e apaguei.

Na manhã seguinte, quando cheguei à garagem do

condomínio da vovó, deixei uma sacola plástica embaixo do limpador de para-brisas com o cartão do Dia dos Namorados e um pequeno bilhete.

Acho que é a minha recompensa por ter o carro mais comum do país. Às vezes, nem eu consigo saber qual é o meu. Não tenho namorado, então você está com sorte. Ninguém ligou! Haha! Achei que você poderia querer a carta de volta.

Se o cartão estivesse lá quando eu voltasse, eu iria procurar um quadro de avisos, mas achei que valia a pena tentar. Para não precisar dar a volta no prédio.

Saí três horas depois para colocar o andador da vovó no meu banco de trás, e a sacola tinha sumido. No lugar, tinha uma página arrancada de um panfleto de instalação de ventilador de teto.

Valeu. Será que um boneco cabeçudo no painel ajuda? Haha!

Isso me fez sorrir. Um pouco.

Quando voltei, a vovó estava no lugar de sempre, na cama de hospital no meio da sala, cercada de flores e envolta em uma manta colorida, rindo alto com Jillian, que contava alguma história dramática. Mamãe estava aquecendo a louça na cozinha pequena. A irmã da vovó, minha tia-avó Lucy, estava num banquinho perto da janela, pendurando cristais.

Era um bom lugar para morrer. Tinha uma energia boa.

Tudo ao redor da minha avó era assim.

Minha avó não gostava daquela coisa asséptica de hospital ou de qualquer lembrete do que estava acontecendo de fato. Me fez cobrir o suporte de soro com um lenço florido, e eu não podia usar uniforme. Não nesse trabalho. Ela gostava de coisas bonitas, fofinhas e confortáveis. Comida feita em casa, na cozinha, pessoas ao seu redor. Então, era o que oferecíamos a ela. Eu usava roupas normais. Blusas floridas e saias esvoaçantes. Jillian levava as velas que fazia e bolinhos da Nadia Cakes. Mamãe fazia o molho do macarrão... E víamos a vovó piorar aos poucos.

— Cheguei — falei, fechando a porta.

Lucy apontou para os cristais.

— E agora? — perguntou ela, mais alto do que o necessário. Seus aparelhos auditivos estavam desligados outra vez. — Esse é o lugar certo?

Vovó se virou para olhar.

— Só saberemos quando o sol estiver daquele lado.

— o QUÊ?

— Falei que só saberemos quando o sol estiver daquele lado — disse vovó, mais alto. — Mas que coisa! Liga o seu aparelho auditivo.

Lucy desceu do banquinho.

— Não ouvi nada do que você disse. Provavelmente, só vai dar para saber quando o sol estiver daquele lado.

Ri sozinha quando me aproximei da cama e abaixei a grade.

— Como está a dor?

— Tudo bem — disse vovó.

Levantei uma sobrancelha.

— Você está me enganando? — perguntei, tomando seu pulso. — Sei que você não gosta dos efeitos da morfina. Podemos tentar outra coisa.

Ela acenou com a mão livre, descartando a possibilidade.

— Estou bem.

Ouvimos uma batida na parede do apartamento vizinho, seguida pelo som de uma ferramenta elétrica.

— O que estão *fazendo* ali? — perguntou mamãe.

— Eles são novos no prédio — respondeu vovó. — Provavelmente estão arrumando as coisas.

— Ah, bem que podiam fazer menos barulho — disse mamãe, limpando os balcões.

Verifiquei a bolsa do cateter da vovó. Em seguida, peguei o estetoscópio e escutei seu peito. Não gostei do que ouvi. Eu nunca gostava.

Enrolei o estetoscópio no pescoço, tentando não deixar meus sentimentos transparecerem.

— Aconteceu uma coisa engraçada outro dia — disse eu.

Vovó se animou.

— É?

— Alguém deixou um bilhete de amor no meu carro.

— Não foi o Jeb, foi? — perguntou mamãe.

— Não, era pra outra pessoa. Baita decepção. Mas tinha um “vale-sexo” — falei, bem-humorada.

— É bom você ter guardado — rebateu Jillian. — Está precisando.

Soltei uma risada sarcástica.

— Valeu!

— Sabe aonde você precisa ir? — perguntou minha irmã.

— Aonde? — eu quis saber, verificando os tornozelos da vovó. Ela estava com um edema. Era algo novo.

— Home Depot, a loja de construção — respondeu.

— Pra quê?

— Pra ficar pelos corredores, parecendo confusa.

— Por que eu iria... — Lancei um olhar de desaprovação. — Não vou caçar homem na Home Depot.

— Ela tem razão, Holly. Tem muitos homens bons nas lojas de construção — falou vovó.

— Mas é bom evitar as seções de jardinagem e pintura — aconselhou Jillian. — Os homens por lá são gays ou casados. A seção de madeira também não é boa. Os carpinteiros de verdade pedem pra entregar; você não vai achar ninguém na seção de madeira que saiba trabalhar com madeira.

— Você é uma figura! — disse eu, pondo meias limpas nos pés da vovó. Olhei para minha irmã. — O que mais?

Seus olhos brilharam.

— O corredor de azulejos é o melhor. Os caras são sarados e ganham bem. Fora isso, são bons com as mãos e de joelhos.

Vovó estava dando risadinhas.

— As seções de encanamento e a instalação elétrica são boas também. Eles são técnicos. São profissionais. Mas o melhor lugar, o pote de ouro do mundo da construção — ela fez uma pausa dramática — é o corredor de ferramentas.

Estávamos todas olhando para ela agora, fascinadas.

— Melhor escolher os caras que compram as ferramentas vermelhas — disse ela, fazendo contato visual com cada uma de nós. — As ferramentas vermelhas são um bom sinal.

— Por que as vermelhas? — perguntou mamãe, secando uma tigela com um pano.

— São as mais caras e profissionais. — Ela apoiou o pé na beira da cama da vovó e alongou os as coxas. — Você pode abrir uma exceção para um cara com ferramentas amarelas, se ele for bonitão. Mas não pras verdes. *Nunca*.

— Nada de verde — disse eu, tirando o pé dela do edredom. — Saquei.

Mamãe estava balançando a cabeça.

— Onde você aprendeu essas coisas?

— Sou moderna, e sei das coisas.

Vovó riu.

— Bom saber — falei eu, terminando com as meias e colocando os cobertores em volta dos pés da vovó. — Mas vou dar uma pausa na vida amorosa por enquanto.

— Por quê? — perguntou Jillian.

Porque minha autoestima está no chão? Porque ainda não estou pronta para confiar em alguém? Porque meu coração foi esfaqueado de uma forma que nunca imaginei e não há espaço para mais nada?

— Ele fez um estrago, só isso.

Vovó me observou enquanto eu me sentava com meu café.

— Holly, já te contei sobre meu primeiro marido? — perguntou vovó.

Fiz uma pausa, com a caneca a meio caminho da boca.

— Você teve um primeiro marido?

— Antes do seu avô. Nunca tive filhos com ele. Ficamos casados por oito meses apenas, antes de ele morrer. Lucy, lembra do Chip?

— O quê? — gritou Lucy.

— Chip! Você se lembra do Chip?

Lucy fez uma careta.

— Era um canalha.

— Bonito como uma raposa, mas cruel como uma cobra — disse vovó. — Eu queria te contar sobre ele. Sempre esqueço.

— Por que nunca soube disso? — perguntei.

— Não gosto de falar sobre ele — disse vovó. — Acho que não pronunciei o nome dele nenhuma vez durante os cinquenta anos em que fui casada com seu avô. Só comecei a pensar nele recentemente. Mais tarde a gente fala sobre isso.

Mamãe estava na porta.

— Holly, você não pode deixar o que o Jeb fez te afetar. A traição diz muito mais sobre ele do que sobre você. E que tipo de homem rouba um higienizador nasal?

— Alguém que deveria ter o pinto cortado na guilhotina — disse Jillian.

— No quê? — perguntou Lucy.

— Numa GUILHOTINA DE PINTO — repetiu minha irmã. — Uma pequenininha.

Mamãe riu antes de voltar para a cozinha.

— Lucy, daqui a meia hora, nós vamos embora.

Jillian cutucou nossa tia-avó.

— Vocês vão daqui a meia hora — gritou ela. Ela deu uma cotovelada. — Já vou sair também. Vou levar as crianças à praia.

As crianças eram os porquinhos-da-índia.

Ela os levava para passear dentro de uma caixa portátil.

Minha irmã era voluntária em três centros de resgate de animais, onde era conhecida como “a mulher dos porquinhos-da-índia” — porque adorava cuidar deles. Trabalhava em feiras vendendo produtos artesanais para a pele, que eram muito bons. Eu adorava o esfoliante labial de lavanda dela.

Jillian, mamãe e Lucy foram embora. Fiquei feliz que haveria uma pausa de visitantes.

A vovó estava mentindo para mim.

Ela estava com dor. Só não queria tomar nada que a deixasse com sono ou com a memória fraca quando as pessoas estivessem ali. Queria estar presente, então não aceitaria nada que pudesse realmente aliviar a dor.

Uma enfermeira vinha todos os dias às oito da noite, para que eu pudesse ir para casa dormir. As enfermeiras do turno me disseram que ela pedia morfina assim que eu saía.

A areia da ampulheta estava acabando. E ela não queria desperdiçar um único grão.

A vovó não se sentia como uma pessoa com apenas alguns grãos sobrando. Acho que por isso era tão difícil.

Quando o vovô morreu, estava cansado. A demência o deixou muito debilitado. Nós o perdemos meses antes de perdermos seu corpo. Mas a vovó ainda tinha muita vitalidade. Ainda não se sentia pronta para partir.

Eu também não estava pronta para a partida dela.

4

John

Assim que abri a porta do apartamento, senti o cheiro.

— Olá. Manutenção!

Nenhuma resposta.

Gemi por dentro.

Eu era o responsável pela manutenção do prédio fazia dois meses. Fiquei feliz em conseguir o emprego. Em êxtase. Brenda e eu tínhamos terminado quatro meses antes, e eu precisava de um novo lugar para morar. Eles me deram um apartamento totalmente reformado, eu morava lá de graça e o salário era ótimo. Dirigir em Los Angeles é um pesadelo, e agora eu não precisava mais fazer isso. Trabalhava onde morava, todos os astros estavam alinhados, e me mudei para lá.

A partir daí, cada dia era um show de horrores diferente.

No meu segundo dia, eu encontrei um *corpo*.

Um idoso havia morrido na banheira, e os moradores abaixo dele ligaram porque uma água marrom estava vazando do teto. Pensei que fosse consertar um cano quebrado e, em vez disso, tive que chamar um legista.

O condomínio tinha cem unidades, sem apartamentos vazios. Tinha cinquenta anos e aparentava a idade. Entendi por que eles queriam uma pessoa que morasse no local, porque muitos dos reparos estavam atrasados. Algumas pessoas estavam esperando havia meses, então, quando eu chegava, já estavam fufas da vida.

Atravessar a cidade alguns dias da semana para ajudar Frank no novo apartamento estava começando a parecer férias para mim. Pelo menos *ele* ficava feliz em me ver.

Depois do trabalho, eu ia voltar hoje para ajudá-lo a instalar

uma pia nova no outro banheiro. Com “ajudar”, quero dizer que faria o trabalho sozinho, e meu irmão me levaria para comer comida mexicana quando eu terminasse. A lava-louça foi entregue e tinha sido instalada no dia anterior. Quando estacionei, o Honda branco estava lá.

O pneu ainda estava baixo. Pior que no dia anterior.

No bilhete que deixou, ela disse que era solteira. Será que era uma senhora mais velha? Notei um andador dobrado no banco de trás. Talvez ela não tivesse ajuda, não soubesse encher o pneu. O carro deveria ter sensores. Era um modelo novo; ela provavelmente sabia que estava murchando.

Eu deveria ter deixado um bilhete.

Resolvi que, quando fosse até lá mais tarde, procuraria o carro para ver se o pneu já havia sido consertado. Isso estava me incomodando. Mas, por enquanto, tinha que fazer meu trabalho de fato.

Esta manhã, me ligaram para dizer que tinha um cheiro ruim vindo do apartamento em frente. O inquilino não atendia às ligações e não tinha pagado o aluguel.

Eu tinha certeza de que encontraria outro corpo, ainda mais quando abri a porta e o futum se espalhou.

— Olá! — chamei outra vez. Minha voz ecoou pelas paredes.

Acendi a luz. O apartamento estava vazio. Pelo menos até onde eu pude ver da porta. Tinha um pouco de lixo, mas sem móveis.

Entrei e comecei a vasculhar. Em cinco segundos, descobri qual era o problema. O cheiro vinha da geladeira. Estava desligada e tudo ali dentro estava podre. Engasguei com o fedor que saiu de lá quando eu abri.

Teria que fechar com fita adesiva e levar para o lixo. Estava destrancando a porta de vidro de correr para arejar o ambiente quando ouvi um barulho vindo do quarto. Um gemido baixo.

Enfiei a cabeça pelo vão da porta.

Ali, no meio do chão, numa espécie de gaiola de arame, estava um cachorro.

Quatro horas depois, eu estava sentado no sofá, com os cotovelos apoiados nos joelhos, olhando para o cachorrinho enquanto este mordida um petisco congelado que eu tinha feito para ele, recheado com carne-seca.

Era uma mistura de labrador com alguma outra raça. Preto com uma mancha branca no peito, as orelhas caídas, talvez seis meses de idade, no máximo. Estava coberto de cocô e com queimaduras de urina nas patas. Levei uma hora inteira para deixá-lo limpo, mas, quando acabei, apesar de estar com fome e com sede, ele estava bem.

Qual era o problema das pessoas? Quem faria algo assim, abandonar uma criatura e deixá-la para morrer? Fiz um boletim de ocorrência, mas duvidava que algo fosse feito.

E agora eu tinha um cachorro.

Sempre quis um, mas Brenda odiava animais.

Soltei uma risada sarcástica por dentro.

Namoramos por três anos. Estávamos procurando casa, falando de casamento, olhando alianças. Então, do nada, ela anunciou que iria se mudar para o Japão.

Não foi totalmente do nada. Ela falava japonês e tinha família lá. Recebeu uma oferta de trabalho como professora. Queria ir, sentia que seria uma experiência única na vida, uma que não poderia deixar passar. Eu estava disposto a ir com ela. É o que a gente faz, certo? Quando a gente encontra o amor, deve ir aonde ele está.

Mas Brenda queria ir sozinha.

Depois fiquei sabendo que ela conheceu alguém na internet e estava se mudando para lá para ficar com o cara.

Na época, fiquei arrasado. Nem conseguia sair da cama. Frank me ajudou com a mudança. Me deixou ficar com ele até conseguir o apartamento e o emprego que tenho agora.

Por um tempo, pensei que nunca fosse superar. Mas, depois de alguns meses pensando, uma coisa sempre me vinha à cabeça.

Quem não gosta de *cachorros*?

Sério. Quer dizer, uma coisa é você ter tido uma experiência

ruim ou ser alérgico ou eles não se adequarem ao seu estilo de vida ou algo assim. Isso eu entendo. Mas quem vê um cachorrinho e não quer brincar com ele? Brenda era assim.

Tinha algo muito errado ali. Era um alerta vermelho piscando, que eu estava apaixonado demais para ver. Me livrei de um problemão, percebia isso agora. Mas, independentemente do novo e saudável estado de espírito em relação ao término, minha vida ainda estava meio... estranha.

Meu apartamento era deprimente. Não tinha tempo nem vontade de decorá-lo e mobiliá-lo. Eu preferia construir minhas próprias coisas ou reformar, mas simplesmente não tinha vontade. Não estava namorando. Também não tinha vontade para isso.

Talvez só precisasse seguir em frente. Me acostumar com o trabalho, terminar o que tinha para fazer para o Frank. Eu teria mais tempo quando terminasse tudo.

Falando em Frank... Olhei o relógio. Tinha que ir até lá.

Quando cheguei ao estacionamento, procurei o Honda branco. Encontrei.

O pneu traseiro estava murcho.

Soltei um longo suspiro.

Estacionei a caminhonete e olhei para o cachorro no banco do passageiro.

— É... Parece que hoje vou te ensinar a usar um compressor.

5

Holly

Quando fui embora, às oito e quinze da noite, havia outro bilhete no meu para-brisa. Estava escrito no verso de uma sacola de papel de uma pet shop. Peguei o bilhete e sentei no carro para ler.

Oi, sou eu de novo, O Pior Cupido do Mundo.

Notei que seu pneu traseiro direito estava um pouco baixo outro dia. Imaginei que você receberia o alerta do sensor e encheria o pneu, mas ontem estava ainda mais baixo. Resolvi que, se ainda estivesse assim hoje, deixaria um bilhete para você, mas, quando cheguei ao estacionamento, estava murcho. Eu me senti mal por não ter dito nada antes, então peguei meu compressor e enchi seu pneu. Você deve ter passado por algum prego. Você consegue chegar a uma borracharia agora, mas vai continuar murchando se você não consertar. Ah, acabei de perceber que pode parecer bem bizarro deixar esse bilhete longo nessa sacola, mas era o único papel que eu tinha na minha caminhonete. Tá, parei de tocar no seu carro sem sua permissão! Haha! Tenha um bom dia. Obs.: Sério, por favor, conserta isso. Tá me dando ansiedade.

Eu ri. Em seguida, recostei a cabeça no banco.

Sabia que o pneu estava furado. As oficinas não estavam abertas quando voltava para casa, e eu não tinha dias de folga para fazer essas tarefas.

Tive calafrio ao pensar no colapso que teria se encontrasse meu pneu furado depois do dia que tive hoje.

A vovó estava começando a nos deixar.

Ela não estava mais comendo ou bebendo. Estava ficando mais fraca. O inchaço nos tornozelos era sinal de que os rins e o coração estavam parando. Ninguém mais percebia esses detalhes, mas *eu* sabia o que essas mudanças significavam. Ela não tinha muito tempo.

Olhei para a sacola de papel no meu colo.

Foi muito gentil o que essa pessoa fez.

Enxuguei embaixo dos olhos, pesquisei no Google uma borracharia e verifiquei o horário de funcionamento. Depois, liguei para a agência e perguntei se alguém poderia me dar cobertura até as dez da manhã para que eu levasse o carro para consertar. Disse à mamãe que chegaria atrasada no dia seguinte, para que avisasse à vovó quando a visitasse de manhã.

Peguei a sacola de papel e olhei mais uma vez. Então procurei na internet onde ficava aquela loja. Eu tinha um tempinho para chegar lá antes que fechasse.

6

John

Tinha um envelope em cima do pneu traseiro direito do carro dela.

Eram duas da tarde, um dia depois de eu enchê-lo. Parecia bom. Ela devia ter consertado.

Peguei o cartão. Estava direcionado a mim.

O Pior Cupido do Mundo,

Você, bondoso senhor, restaurou a minha fé na humanidade.

Vi, sim, o alerta do sensor. Eu tinha enchido o pneu antes de estacionar na primeira vez que você o viu. Esperava que fosse só um vazamento pequeno e que tivesse tempo para ir à borracharia quando minha agenda estivesse um pouco mais livre, mas acho que esse plano não deu muito certo.

Sou enfermeira de pacientes terminais. Estou cuidando de uma pessoa no prédio, e isso tem consumido todo o meu tempo, além do desgaste mental e emocional. Acho que, se tivesse saído e visto meu pneu murcho, teria ficado arrasada. Não tenho palavras para agradecer pela ajuda.

Aqui está uma pequena amostra da minha gratidão. Considerando a sua ansiedade em relação ao ar do meu pneu, acredito que você vai encontrar isso antes de um ladrão. Se isso não acontecer e um ladrão estiver lendo em vez de você, você vai ter o que merece, idiota. Ass.: H.

Tinha um vale-presente de vinte e cinco dólares da loja da sacola.

Sorri, guardando o vale-presente no bolso, e olhei para o meu cachorro.

— Ela comprou um presente pra você.

Ele abanou o rabo.

Subimos no elevador para o apartamento do Frank. As portas barulhentas se abriram no quarto andar. Quando abriram, uma mulher estava esperando para entrar.

Uma mulher muito bonita.

Por uma fração de segundo, me perguntei se ela poderia ser

a H. Toda vez que via alguma mulher andando pelo condomínio, nos últimos dias, pensava a mesma coisa. Mas a H. disse que era enfermeira. A mulher não estava de uniforme.

Tinha a minha idade, talvez vinte e oito, vinte e nove anos. Estava com o cabelo castanho preso em uma trança folgada, de saia longa e solta, sandálias douradas. Eu nunca a tinha visto por ali, e com toda a certeza teria me lembrado de ter passado por ela.

O cachorro estava puxando a coleira, na direção dela. Ela estava de branco, e eu não queria que ele pulasse, então o segurei. Fiz um aceno de cabeça ao sair com ele. A moça sorriu para o cachorro.

Ela ocupou meu lugar no elevador, e eu ainda estava de frente para ela, tentando fazer o cachorro se mover na outra direção, quando seus olhos captaram meu cinto de ferramentas.

— Vermelhas — disse ela, quase para si mesma.

Então as portas se fecharam, e ela desapareceu.

Olhei para mim mesmo. Vermelhas o quê? Minhas ferramentas?

Não tive tempo de descobrir, porque o cachorro estava me puxando de novo. Ele já tinha estado ali e sabia para onde estava indo. O bicho me arrastou pelo corredor, e entrei no apartamento de Frank e o soltei.

Andrea estava sentada no balcão da cozinha e gritou.

— Um cachorro? Onde você encontrou?

Ela não estava lá no dia anterior.

— Estava abandonado em um apartamento — respondi, deixando a coleira no balcão.

— Sério? Coitadinho!

Andrea pulou do banquinho e se inclinou para deixá-lo lambe seu queixo.

Frank chegou segurando uma chave de fenda elétrica.

— E aí?

Apontei a cabeça para a mão dele.

— Hã? O que você está fazendo com isso?

— Pendurando uma prateleira.

— Você prendeu o suporte?

Ele parou para pensar. Então se virou e correu de volta pelo caminho por onde veio.

— Qual é o nome dele? — perguntou Andrea.

— Ainda não escolhi — disse eu.

Algun vizinho estava ouvindo Doobie Brothers. Estava tocando “Listen to the Music”.

Os vizinhos eram um pouco barulhentos. Outro dia, alguém gritou bem alto “GUILHOTINA DE PINTO!”. Não faço ideia do que isso queria dizer, mas parecia um ótimo nome para uma banda.

Nomes de bandas...

— Que tal Doobie? — perguntei, olhando para o cachorro.

Andrea fez carinho em seus ouvidos.

— É, tem cara de “Doobie”.

Me agachei para fazer carinho nele.

— Você gostou? O que você acha?

Ele abanou o rabo e lambeu meu nariz.

— Tá. Então vai ser Doobie.

Andrea levantou-se.

— Como vai o novo emprego? — perguntou.

— Nojento. Me mandaram dar uma olhada num apartamento desocupado hoje. Estava uma zona. Lotado de tralha. E a privada tinha parado de funcionar, então começaram a usar a banheira. Tive que chamar uma equipe especializada em materiais perigosos.

Ela parecia horrorizada.

— Ecaaaa...

— Pois é. Depois fui picado por uma vespa.

Olhei para o vergão no meu braço.

— Você colocou alguma coisa aí? — perguntou.

— Não, eu não tinha nada. Não tem problema.

Houve um estrondo no outro cômodo, depois um palavrão. Desci do balcão.

— Seu namorado está detonando o *drywall*.

Fui ajudar meu irmão a achar um parafuso.

Holly

— Essa é a definição exata de “Quem quer dá um jeito”.

Jillian estava segurando a sacola de papel. Fui buscar no carro porque ela queria ver depois que contei a história.

Estávamos sentadas ao sol na varandinha repleta de plantas do lado de fora da sala da vovó. Ela estava cochilando.

A vovó não costumava cochilar à tarde.

Principalmente quando tinha visitas.

Mandeí uma mensagem para o grupo da família e disse que estava na hora de começarem a se despedir, que, se quisessem vir, aquele era o momento.

— Você deveria procurar esse cara — disse Jillian.

— Acho que ele é velho — respondi.

— Por quê?

Dei de ombros.

— Sei lá. Ele faz coisas de gente velha. Anda por aí com um compressor.

Ela assentiu, como se compreendesse.

— É... Parece mesmo coisa de pai.

Os Doobie Brothers estavam tocando baixinho em nossa caixinha de som. Estávamos sentados ao sol, tomando café gelado. Fazia um tempo que eu não ficava assim, ao ar livre. Eu estava curtindo.

Falando em curtir...

— Vi um cara gato no elevador mais cedo — disse eu.

Minha irmã levantou a sobrancelha.

— Viu? Como ele era?

— Meio rústico. Barbudo. Tinha um cachorro e um cinto de ferramentas. Ferramentas vermelhas.

— Ferramentas vermelhas, sinal verde. Você falou com ele?
Balancei a cabeça negativamente.

— Não tenho a mínima condição de fazer isso agora. De jeito nenhum. Mas foi bom finalmente olhar pra outra pessoa de novo. É bom saber que minha libido ainda está aqui, em algum lugar... — murmurei.

Ficamos sentadas em silêncio, ouvindo a música enquanto ela me olhava através dos óculos escuros.

— Então, quanto tempo?

Minha irmã não precisava explicar o que estava falando. Avistei no lado de fora os ipês-rosa floridos.

— De um a três dias. É o que eu acho.

Deixou escapar um lento suspiro.

— Ela teve uma vida ótima.

Concordei.

— Teve mesmo. E vai ter uma ótima morte também. Cercada por pessoas que a amam, em casa, sem dor.

— Espero morrer assim — disse ela. — Ou fazendo o que eu amo.

— Eu, não. Quero morrer fazendo algo que eu odeio. Me tirem do sofrimento, quero morrer no simulador de escada.

Ela riu, amassou um guardanapo e jogou em mim.

Jillian inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos.

— Isso é tão difícil. Sério. Como você trabalha com isso?

— É mais fácil quando são estranhos — respondi.

— Não é, não. Eu seria um desastre fazendo isso. Você está em outro nível.

— Não estou. É difícil pra caramba. Até pra mim. São ossos do ofício.

— Você sabia que tem “ossos do ofício” e “ócios do ofício”?
— perguntou Jillian.

Inclinei a cabeça.

— É mesmo?

— É. Sabe quem me disse isso? Um morador de rua na feira.

— Não. Vou procurar no Google. — Peguei o celular e

digitei. — Meu Deus! Você tem razão. Quer dizer, tem todo um debate na internet, mas “ócios do ofício” existe mesmo.

— Faz sentido. Existem os ócios do ofício.

— Mas tem também a parte difícil, dura, os ossos — falei.

— Bem, ossos são a parte ruim. Os ócios são a parte boa. —

Ela olhou o celular. —Tenho que vazar — disse ela, levantando-se. — Vou pegar outro porquinho-da-índia pra cuidar.

— Você e seus porquinhos-da-índia...

— Adoro eles. Só precisam de quatro horas de sono por dia.

— Como alguém que eu conheço.

Ela mostrou a língua para mim.

Quando Jillian foi embora, tivemos outro raro intervalo sem visitantes, só que dessa vez a energia era muito diferente. A vovó não estava acordada, conversando comigo. O apartamento estava fechado, as luzes estavam apagadas, e as cortinas, fechadas. Estava sombrio. Durante o dia, o apartamento nunca ficava silencioso assim.

A vovó estava dormindo cada vez mais agora. Isso era normal. Ela podia começar a ter visões, ver pessoas que faleceram antes dela. A mãe dela, o vovô. Talvez visse uma luz ou um anjo. Um túnel.

Era normal.

Alguns pacientes esperam até receberem a visita dos entes queridos que desejam ver. Só então vão embora. Muitas pessoas apresentam melhora um pouco antes de falecerem. Têm um ótimo dia em que passam acordadas e alertas. Às vezes, até pedem comida ou algo para beber. Então, quando todos vão embora, eles partem.

Era o que eu mais desejava. Queria que, nos últimos momentos, ela estivesse cercada por todos que a amam.

Sentei perto da mesinha e peguei meu livro.

— O que você está lendo?

Fui surpreendida pela voz debilitada da minha avó.

— Só um romance — respondi.

Ela sentou.

— Dormi? Que horas são?

Olhei para o meu relógio.

— Seis e quinze.

— Ainda é cedo. Devo estar cansada de ontem.

Acho que ela sabia por que estava cansada. Nós duas sabíamos.

— Precisa de alguma coisa? — quis saber, levantando.

— Não. Só estou aproveitando o silêncio. Isto aqui está parecendo uma estação de trem esta semana.

— Quer que eu reduza as visitas? — perguntei.

— Ah, não. Vou descansar quando morrer.

— Haha.

Minha avó sorriu.

— Venha cá. Eu quero te dar uma coisa.

Pus meu livro na mesa e fui para perto dela.

Ela tirou a pulseira de jade do pulso.

— Aqui. É sua.

Fiquei surpresa.

— Vovó, não posso aceitar. Foi o vovô quem te deu.

— Você pode aceitar, *sim*. Não quero ser enterrada com ela.

Na verdade, não quero ser enterrada com nenhuma joia.

— E a sua aliança de casamento? — perguntei.

— Não. As pessoas levam cada bobagem para a cova... Por que você dispensaria algo assim?

— Porque é seu. Tem que ficar com você.

Balançou a cabeça, negando.

— É melhor ficar com alguém que vai gostar. Se você não quiser, pode vender. Pode dar de presente pra um estranho. As coisas deveriam nos trazer alegria. Se meus órgãos não tivessem noventa anos, eu diria para não enterrá-los também. Doaria para que outra pessoa pudesse viver.

Sorri um pouco. Isso era muito típico dela.

Olhei ao redor da sala quase escura, a luz do sol marcava as bordas da cortina fechada.

— Você sabe o que eu gostaria de ter feito? — perguntou ela.

— O quê?

— Sexo com estranhos.

Soltei uma risada.

— O que foi? — quis saber a vovó. — É verdade. Naquela época, as coisas não eram assim para as mulheres. Não tínhamos métodos contraceptivos como agora. Deus sabe que eu teria aceitado as ofertas de alguns homens... Antes do seu avô, é claro.

— Claro.

Ela suspirou.

— Você tem muita sorte de ser jovem agora. Quando eu tinha a sua idade, as mulheres não podiam nem fazer parte de um júri. Não podiam correr uma maratona ou fazer um cartão de crédito sem a permissão do marido. Agora você nem precisa se casar.

Ela pegou a pulseira da minha mão e colocou no meu pulso.

Levantei o braço para olhar.

— Ficou perfeita em você — disse ela. Então ela fechou os olhos outra vez. — Só preciso descansar um pouco. Ainda tenho tantas coisas para te contar... Talvez amanhã. Acho que vou tomar um pouco daquele remédio pra dor — disse ela. — Se você tiver tempo...

Engoli o nó na garganta e fui buscar morfina para ela.

Quando adormeceu, saí por alguns minutos para tomar um pouco de ar. Havia um pátio no condomínio. Tinha um lindo jardim e um banco. Eu queria sentar lá, espairar. Tocar na grama.

Antes, passei no meu carro para pegar um suéter. Quando cheguei lá, verifiquei o pneu para ver se o cartão ainda estava lá. Não estava. No lugar, tinha uma bonequinha cabeçuda de enfermeira.

Ela vestia um uniforme azul-claro e tinha um estetoscópio pendurado no pescoço. Tinha cabelos castanhos como os meus — uma coincidência, com certeza. E um pequeno bilhete junto.

H., eu vi isso e tive que comprar para você, para você poder diferenciar seu carro no mar infinito de Hondas brancas. Obrigado pelo vale-presente. Foi um prazer ajudar.

Eu ri e peguei a bonequinha, encostando na porta do carro. Adorei.

Não sei como, mas esse estranho parecia um anjo da guarda. Como se o universo o tivesse colocado ali para me apoiar quando eu precisasse dele com seus pequenos e gigantescos atos de gentileza.

A gentileza é assim. Você nunca sabe a extensão do efeito. Como um pequeno gesto altruísta pode fazer toda a diferença para a pessoa que o recebe...

Quando chegasse em casa, ia fazer uma plaquinha de agradecimento e deixar colada na boneca para parecer que ela estava segurando. Eu a deixaria no painel do meu carro para que ele visse na próxima vez que passasse. Esperava que visse.

Porque, muito em breve, eu não teria motivo para vir aqui.

8

John

Estava no pátio, passeando com Doobie. Tínhamos acabado de voltar da rua. Tive que passar na Home Depot de novo para comprar selante. Frank disse que tinha um pouco, mas o que ele tinha era cola.

Não entrava na minha cabeça como meu irmão e eu nascemos do mesmo pai e da mesma mãe e tivemos a mesma criação.

Enfim, a loja tinha vários bonequinhos no caixa. Comprei um para a moça do Honda branco. Provavelmente ela nem usaria. Provavelmente iria acabar em uma caixa de doações ou em algum inimigo-oculto no próximo ano, mas era perfeito demais para não levar. Deixei no pneu dela.

Deixei Doobie correr descontrolado pelo pátio. Depois passeamos até ele fazer cocô. Eu tinha acabado de limpar e estava prestes a entrar quando alguém apareceu atrás de mim.

— Posso fazer carinho no seu cachorro?

Me virei e, para minha surpresa, era a mulher do elevador. Ela estava ali em pé, em frente ao sol se pondo, segurando as sandálias.

Pode parecer um pouco melodramático, mas ela parecia uma fada ou um espírito, ali parada. As flores estavam todas desabrochando, as borboletas voavam, e aquela linda e etérea mulher apareceu do nada.

— Claro — disse eu, tentando não olhar demais. — Vou segurar ele para não sujar sua saia. Desculpa, ele ainda está aprendendo a não pular.

— Não tem problema — respondeu a moça, agachando. — Se eu me sujar, tudo bem. Hoje eu não me importo com isso.

Mesmo assim, enrolei um dedo na coleira para não deixar o cachorro bater nela. Ele se agitou e resmungou, e a mulher acariciou o pescoço do Doobie.

— Qual é o nome dele?

— Doobie.

Ela sorriu para mim.

— É um bom nome. Um bom nome para um bom menino.

Eu a observei brincar com ele por um instante. Ela usava uma pulseira de jade.

Dei uma pigarreada.

— Nunca vi você por aqui.

A moça falava comigo, mas olhava para ele.

— Não moro aqui. Estou apenas visitando um familiar.

— Ah... Eu também.

— Qual é a raça dele? — perguntou.

— Acho que ele é um labrador misturado. Não tenho certeza. Eu resgatei.

Ela girou para olhar para mim.

— Ah... Minha irmã é voluntária em alguns centros de resgate. Qual deles?

— Nenhum, encontrei. Ele foi abandonado em um apartamento vazio.

— Ah, meu Deus... — Olhou para ele com pena. — E você ficou com ele?

— Fiquei. Não é meu trabalho questionar o sistema de distribuição de cachorros.

Ela deu uma risada. Então notou o meu braço.

— O que aconteceu?

Virei o cotovelo para olhar o vergão.

— Risco ocupacional. Estava retirando uma colmeia de vespas no trabalho. Uma delas me pegou.

— Ai!

— Melhor me picar do que uma velhinha.

Ela sorriu. Então ficou de cócoras e vasculhou a pequena bolsa que segurava.

— Aqui. É cortisona.

Doobie estava mais calmo agora, então soltei a coleira para pegar o remédio. Assim que soltei, ele rolou de costas para que ela pudesse fazer carinho em sua barriga.

Ela olhou para ele amorosamente.

— Ele é tão fofo! — disse ela.

Coloquei uma quantidade do tamanho de uma ervilha na picada.

— Você tem algum bicho?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não. É difícil quando a gente mora sozinha.

— Moro sozinho também. Mas moro no trabalho, então posso dar uma olhada nele.

Devolvi a pomada para ela.

— Pode ficar. Caso você precise salvar outras velhinhas.

— Ah... Valeu.

Guardei no bolso.

— Está bem inchado — disse ela.

Pressionei o vergão do tamanho de uma noz.

— Também dói. São ossos do ofício.

— Você sabia que existe também a expressão “ócio do ofício”? Apreendi hoje — disse ela.

— É mesmo? Acho que faz sentido. Você sabia que, quando alguém deseja “merda” a um ator, é porque está torcendo pra ele se cagar no palco?

Ela ficou boquiaberta.

— É mesmo?

Eu estava sorrindo.

— Não sei. Melhor verificar depois.

A moça pareceu achar minha piada engraçada.

— Você sabia que o primeiro episódio de uma série se chama piloto porque é a primeira vez que vai ao ar? — perguntou ela.

— Sério? — rebati, brincando.

— Sério. Mas é melhor verificar depois também.

Eu ri e isso fez com que ela também risse. Tivemos esse pequeno momento e nos olhamos por uma fração de segundo. Então ela desviou o olhar e se levantou.

— Obrigada por me deixar brincar com ele. Foi um dia difícil. Eu precisava disso.

Ela calçou as sandálias.

— Tranquilo.

Ela ficou lá por um instante.

— Tenha uma boa noite.

Então ela se virou e começou a caminhar de volta para o prédio.

Alguém me disse uma vez que leva apenas alguns minutos para saber se você gosta de alguém. Que a nossa impressão inicial costuma ser a correta. Gostei dela. Tive uma forte vontade de chamá-la e perguntar seu nome, pedir seu número, convidá-la para um café. Quase consegui. *Quase* fiz isso.

Então percebi como eu estava.

Estava com roupas de trabalho. Minha calça jeans estava suja de tinta, minhas botas com bico de aço estavam gastas. Minha barba estava grande, e eu precisava cortar o cabelo.

Desde que terminei com a Brenda, estava pouco me lixando para a minha aparência. Para quê? Quem eu tinha para impressionar? Eu não estava namorando, nem procurando. Mas, de repente, passei a me importar com a minha aparência. E muito.

Eu me importava o suficiente para que isso me impedisse de abordar a moça.

Então simplesmente a deixei ir. Observei a porta se fechar, e o momento passou.

Me culpei por isso durante todo o caminho de volta até a casa do Frank.

Quando cheguei lá, Andrea ainda estava sentada no balcão.

Andrea era cabeleireira. Ela cortava o cabelo do Frank e fazia um bom trabalho.

— Ei, quando você vai trabalhar? — perguntei. — Queria

cortar o cabelo.

— Issoooooooo!

Eu soube imediatamente que tinha cometido um erro. Ela estava animada demais.

— Há *meses* quero colocar as mãos na sua cabeça! — Ela saltou. — Vai ser o “antes e depois” mais épico de todos os tempos.

— Só quero cortar o cabelo, Andrea, nada além.

— Ah, vamos fazer a festa. Sobrancelhas, barba, limpeza de pele. Seus dias de homem das cavernas estão contados. Frank, ele finalmente vai me deixar fazer!

— É o fim do homem das cavernas? — gritou meu irmão, do outro cômodo.

Revirei os olhos.

— Vocês falaram sobre isso?

Andrea assentiu, com os olhos arregalados.

— Mas é claro. *Várias* vezes.

— Uau! Vocês dois são obcecados por mim.

— O negócio é o seguinte, John. — Ela juntou as mãos. — Você é uma pessoa que se doa. Você faz tudo pelos outros antes de fazer qualquer coisa por *você*. Sinceramente, acho que é por isso que a história da Brenda te deixou tão arrasado. Em vez de ficar tipo “Nossa! Esse cara é tão legal!”, ela não te deu valor e aprontou com você, e, quando ela foi embora, você não tinha ninguém pra amar e não sabia como amar a si mesmo.

Pisquei para ela. Para a minha surpresa, aquilo fazia muito sentido.

— Você merece se cuidar — disse ela, continuando. — Merece se sentir bem e ficar bonito e deixar alguém fazer algo por *você*, pra variar. Deixa eu fazer isso.

Ela olhou para mim com seriedade.

Soltei uma lufada de ar.

— Tá.

Andrea fez uma dancinha, comemorando.

No dia seguinte, tive um dia de princesa (ou talvez de

príncipe).

Estava com a melhor aparência dos últimos anos? Sim. Foi à custa da minha dignidade? Também sim.

Andrea insistiu para eu fazer um vídeo de “antes e depois” para as redes sociais do salão. Ela não aceitou que eu pagasse, então me senti culpado e concordei em fazer o vídeo.

Todos os comentários eram elogios meio insultuosos.

É tipo aqueles vídeos de antes e depois que o cara para de beber.

Ele era um morador de rua ou só um cara qualquer? Agora, sem zoeira, ficou gato.

Tá, mas por que ele estava igual a um homem das cavernas? 🤡

Tive que parar de ler. Aparentemente, a transformação foi de cair o queixo. Era tudo que eu precisava saber. Agora, eu tinha confiança para abordar a mulher misteriosa se a visse outra vez.

Se...

Nesse meio tempo, tive muito em que pensar, porque Andrea estava certa. Eu colocava todos antes de mim. Sempre foi assim.

Talvez fosse hora de aprender a cuidar de mim.

9

Holly

Nos dois dias seguintes, familiares chegaram, foram embora. A vovó acordava e dormia. Ela permaneceu sob o efeito da morfina. Para nós, era um momento de vigília. Não ficamos mais rindo e brincando ao redor dela. Sussurramos e falamos baixo para deixá-la dormir.

Hoje, a família inteira esteve aqui. Todos vieram, pegaram a mão dela e falaram com ela, mesmo que não estivesse acordada.

Fiquei esperando pela “melhora da morte”. Parecia que não ia acontecer.

Às sete da noite, Jillian, Lucy e a mamãe foram jantar em um restaurante próximo. Eu fiquei. Eu não iria mais para casa. Não chamamos as enfermeiras noturnas. A mamãe e eu dormimos ao lado da cama da vovó, porque estava muito perto do fim.

Depois que todos saíram do apartamento, eu baixe a grade da cama. Verifiquei os sinais vitais da vovó. Sua pressão arterial estava baixa. Suas mãos e seus pés estavam frios porque a circulação estava a serviço dos órgãos que estavam falhando.

Afastei o cabelo da testa dela e passei um pouco do protetor labial da Jillian em seus lábios. Acendi sua vela favorita. Então, segurei a mão dela e a pressionei na minha bochecha. Fechei os olhos.

Eu ia sentir tanta falta dela...

Eu não estava preparada.

Meu trabalho era ajudar os outros a se prepararem, mas eu não conseguia fazer isso para mim mesma.

Parecia que eu não conseguia fazer *nada* por mim aqueles dias. Não conseguia arrumar meu apartamento ou perguntar o

nome de um cara bonito no pátio. Não conseguia nem encher os pneus.

Eu sabia que minha vida teria um recomeço. Mas isso não aconteceria até que a dela terminasse. Meu recomeço aconteceria *porque* a vida dela ia acabar e eu não teria escolha a não ser seguir em frente.

— Eu nunca te contei sobre meu primeiro marido — disse uma voz, baixinho.

Meus olhos se abriram. A vovó estava acordada. Eu sorri para ela.

— Oi?

— Olá, minha querida Holly.

Ao ouvir meu nome, senti um nó na garganta. Porque, para ser sincera, pensei que já tivesse ouvido ela me chamar pela última vez.

— Pensou que eu já tivesse batido as botas, hein? — brincou, cansada.

Eu ri um pouco.

— Ainda não.

— Não poderia morrer sem te contar.

— Contar o quê?

— Sobre o Chip — disse ela. — Não esqueci. Senta. Acho que não temos muito tempo.

Eu funguei e sentei no edredom, pegando a mão dela.

— O que foi, vovó? Estou ouvindo.

— Eu nunca contei a ninguém o que vou contar a você.

— Diz o que você precisa dizer. Vou guardar seu segredo.

— Tanto faz para quem você vai contar. Quem poderia se importar já morreu faz tempo. Vou morrer antes que possam me prender, e Lucy nunca vai confessar.

Franzi a testa.

— Confessar...

— Eu matei ele.

Eu me virei para olhar diretamente para ela.

— O quê?

— É verdade — disse ela, com naturalidade. — O Chip era um bêbado cruel. Gostava de me bater. Um dia, veio para cima de mim, e eu sabia que era o fim. Ele ia me matar. Bati na lateral da cabeça dele com uma frigideira de ferro fundido.

Pisquei para minha avó.

— Lucy e eu o colocamos na traseira da minha caminhonete. Dirigi até o rio e o joguei na água. Liguei para o xerife no dia seguinte e disse que meu marido foi beber e não voltou pra casa. Eles o encontraram algumas semanas depois. Disseram que foi acidente. Provavelmente, pensaram que caiu de uma ponte ou algo assim.

Eu estava em choque.

— Vó...

Suspirei.

— É um alívio contar para alguém — disse ela, fechando os olhos.

Molhei os lábios.

— Está tudo bem — respondi. — Pode tirar o peso da consciência.

Ela abriu os olhos outra vez.

— Ah, minha consciência não está pesada... Eu faria tudo de novo. Ele ia me matar. Não, só estou contando essa história para te lembrar que precisamos traçar nosso próprio destino. Nunca mais aceitei menos do que merecia. Nunca ignorei um sinal vermelho ou perdoei uma conduta imprópria. Pedi o que queria, protegi aqueles que amava, exigi as coisas de que precisava e tive uma vida *linda*. Ganhei mais setenta anos de vida porque decidi não deitar e morrer naquele dia em que um homem fraco, que merecia uma guilhotina de pinto, escolheu me machucar. — Ela manteve meu olhar por um longo e significativo momento. — Assuma a responsabilidade por sua própria infelicidade, Holly. Se você não ama sua vida, mude.

Foi como se as palavras levassem toda a energia que lhe restava. Ela se recostou no travesseiro e fechou os olhos. Então, ficou estranhamente imóvel.

Meu coração começou a bater forte.

— Vó? — Eu a balancei com delicadeza. — Vó, acorda! — disse, em pânico. — Por favor. Não posso permitir que suas últimas palavras tenham a expressão “guilhotina de pinto”.

Ela soltou uma risada fraca para si mesma, e dei um suspiro de alívio.

— Você terá tantas pessoas esperando por você no céu, minha linda — disse ela, baixinho. — Serei a primeira da fila.

Lágrimas brotaram dos meus olhos.

— Eu te amo — sussurrei.

Ela não sussurrou de volta. Não diria mais nada.

Minha avó faleceu na manhã seguinte, cercada por todos que amava.

10

John

O Honda branco estava com a bonequinha de enfermeira no painel quando cheguei à casa do Frank, dois dias depois de conhecer a mulher com a pulseira de jade no pátio. Estava segurando um pequeno cartaz de agradecimento através da janela. Havia também uma suculenta no pneu traseiro direito, com um cartão.

Ao Pior Cupido do Mundo: obrigada por sua gentileza nos últimos dias. Você nunca saberá o quanto eu precisava disso. Espero que os dois lados do seu travesseiro estejam sempre macios, que seu celular esteja sempre carregado e que seu irmão sempre entregue os próprios cartões de Dia dos Namorados (e os “cupons de sexo”).

Gostaria de deixar algumas palavras de sabedoria de despedida que recebi de alguém há pouco tempo. Eu precisava muito ouvir isso.

Talvez você também precise.

“Assuma a responsabilidade por sua própria infelicidade. Se você não ama sua vida, mude.”

Espero que você ame sua vida. Mas se não ama...

Ass.: H.

Eu ri um pouco para mim mesmo quando terminei de ler. Eu precisava disso.

E nunca mais vi aquele carro ali.

11

Holly

Jillian e eu ficamos no velório, diante do caixão da vovó, olhando para ela.

Fazia uma semana que ela havia partido.

Ela parecia em paz. Suas mãos estavam delicadamente cruzadas sobre o colo, e ela usava roxo, sua cor favorita.

Passei por um caleidoscópio de emoções nos últimos sete dias.

Eu não sabia bem para quem contar sobre a confissão da vovó ou mesmo se deveria contar a alguém. No fim das contas, decidi que a mamãe não precisava se lembrar da mãe dela dessa maneira. Ela teria muitas perguntas e questionaria Lucy, e eu não queria que minha tia passasse por isso. Eu precisava conversar com alguém sobre o que descobri, e Jillian nunca diria a ninguém, então contei a ela.

— A vovó matou um cara... — começou Jillian, séria.

— Acredite quando digo que em momento nenhum eu sabia como aquela conversa ia terminar... — sussurrei.

— Tem certeza de que não foi uma alucinação? — perguntou ela, baixinho. — Isso não acontece no final da vida?

— Acontece, mas não. Ela estava lúcida. Eu pesquisei no Google. Queria verificar antes de te contar. Esse cara existiu mesmo. Vi a certidão de óbito, a certidão de casamento e a matéria de jornal sobre o afogamento. Estou dizendo: ela matou o homem... — sussurrei. — E a Lucy ajudou a se livrar do corpo.

Minha irmã murmurou a palavra “caramba”.

— É, mas foi uma jogada de mestra — disse ela.

— Não é?

— Uma rainha, sem mais. E a tia Lucy!

Viramos para olhar para ela, que estava limpando o nariz com um lenço amassado, ao lado do livro de visitas. Parecia a Mamãe Noel vestida de preto.

— Ela faz bordados com versículos bíblicos pra mim no Natal... — Jillian balançou a cabeça. — Desovou um cara morto?

Olhamos de novo para a vovó sendo velada.

— Ah, você sabe como era naquela época — disse eu, baixinho. — Não havia muitos recursos para violência doméstica. O marido podia fazer praticamente qualquer coisa que quisesse. O estupro conjugal nem era ilegal até 1993. Acho que, às vezes, era preciso resolver o problema com as próprias mãos.

— Talvez. — Ela fez uma careta. — Imagina ter que matar um cara chamado Chip — sussurrou ela. — Isso me deixaria puta. Tipo, você tem um nome idiota *e* é um babacão? Escolhe só um defeito.

Tentei reprimir uma risada, que acabou saindo pelo nariz.

— Jeb tem um nome idiota.

— *E a audácia* — sussurrou ela. — Eu jogaria um cara morto num rio por você. Jogaria um vivo também.

— Eu também. — Olhei para ela. — Você acha que o vovô não sabia mesmo? Sério, ela devia ter uma vibe tipo “Posso te matar”, né? Tipo “já fiz isso uma vez, posso fazer de novo”?

— Era bom marido então, se conseguiu sobreviver — disse ela.

Engasguei com a saliva. Isso a fez rir, e nós duas tivemos um ataque. Mamãe nos lançou um olhar de “Sério isso?” do outro lado do salão, e nos inclinamos uma para a outra e tentamos nos conter. As risadas, então, se transformaram em lágrimas.

Eu estava fora de mim. Inebriada de tristeza.

Mas, de alguma forma, também me sentia bem.

Eu ficaria bem.

Estava pronta para assumir a responsabilidade da própria infelicidade.

La tirar uma folga. Processar o que passei nos últimos meses,

começar um novo hobby, fazer exercícios, voltar a namorar. Ia deixar a vovó orgulhosa. Provavelmente, não mataria um cara, mas com certeza nunca mais aceitaria nada menos do que mereço.

— Vou sentir falta dela — disse eu, enxugando as lágrimas.

— Eu também. Mas fechou com chave de ouro. Parabéns.

— Ela teria adorado isso — falei.

— Ah, ela fez de propósito, com certeza. Era exatamente sobre isso que ela queria que a gente falasse perto do cadáver dela. Respeita a lenda! — Ela fungou. — Mas ainda é difícil.

— É difícil — respondi. — São os ossos do ofício.

12

John

Quando estava na casa do Frank, levava o Doobie para passear no pátio, tentando achar a mulher da pulseira de jade. Às vezes, eu ia quando nem precisava. Depois de um mês sem nenhuma pista, finalmente desisti. Tive que aceitar que tinha perdido minha chance. Mas, da próxima vez, com a próxima pessoa, não deixaria passar. Tinha oficialmente deixado para trás a era do homem das cavernas e estava assumindo a responsabilidade da minha infelicidade.

Decorei meu apartamento. Minha casa ficou bacana. Renovei alguns móveis que encontrei e levei algumas plantas para o pátio, onde deixei a succulenta que H. me deu. Pinteí. Até comprei alguns quadros. Mantive o corte de cabelo. Deixei a barba — eu gostava dela —, mas aparava todos os dias.

O trabalho ficou um pouco mais fácil também. Eu estava quase acabando com o acúmulo de reparos. As pessoas estavam começando a me conhecer no prédio; elas agora me cumprimentavam amigavelmente. Eu já tratava pelo nome alguns dos moradores idosos. Eles precisavam de alguém para ver como estavam, e eu fazia isso com prazer. Eles gostavam das visitas do Doobie. Senti como se fizesse parte de uma comunidade. Como se tivesse um propósito.

Deixei na porta da geladeira o último bilhete da H. Um lembrete para controlar as coisas que estão sob *meu* controle.

Ainda pensava na mulher da pulseira de jade de vez em quando. Como ela apareceu naquele dia no pátio como num passe de mágica e depois desapareceu sem deixar vestígios.

Era estranho, mas eu sentia que talvez pensasse nela pelo resto da minha vida. Como se ela fosse meu único “E se?”.

Acho que, pensando bem, um único “e se?” não é tão ruim.
Mas mesmo assim.

13

Holly

— Vou passar na Home Depot hoje à noite, ficar nos corredores parecendo perdida e confusa — disse eu a Jillian no telefone. — Preciso de tinta. Vou pintar a cozinha. Quer ir também e me ajudar a escolher as cores?

— Mas com certeza!

Estava de frente para a pia, lavando a louça, vestida com a camisa da Deusa da Morte que ela me deu de aniversário na semana passada. Estava tocando Doobie Brothers, e minha bonequinha de enfermeira estava balançando a cabeça no parapeito da janela, ao lado das minhas plantas. Ela ainda segurava o pequeno cartaz de agradecimento.

Eu a tirei do carro e a deixei no apartamento. Não estava trabalhando agora, então não dirigia muito, e queria olhar para ela. Ela me deixava feliz.

— Vou com você — disse Jillian. — Mas, pra você saber, só vou olhar os caras gatos com ferramentas. Não vou pra caçar.

Eu levantei uma sobrancelha.

— Por quê?

Silêncio.

Suspirei.

— Quem é ele?

— Só um cara que adotou um dos meus porquinhos-da-índia. É bem recente.

— Meu Deus! Ele usa xampu quatro em um?

— Se ele fizesse isso, eu nem ligaria.

Desliguei a água.

— Nooooossa! — Encostei as costas no balcão. — Está baixando o padrão.

— Você não sabe como um homem abraçado a um porquinho-da-índia pode mexer com a nossa libido.

Eu ri.

— Então você está mesmo pronta pra voltar a namorar? — perguntou ela. — É hora da ferramenta vermelha?

— Acho que sim — disse eu, secando as mãos em uma toalha. — É o que a vovó gostaria que eu fizesse. E o amor não vai vir me encontrar em casa.

Alguém bateu na porta.

— Eu tenho que ir. O cara da manutenção chegou. Às seis?

— Pode ser.

Apertei o botão “Encerrar chamada”, tirei os fones do ouvido e fui abrir a porta.

O homem parado ali usava uma camiseta cinza, calça jeans e um cinto de ferramentas, ferramentas vermelhas.

— Sou da manutenção. Você ligou por causa da porta? — perguntou ele, olhando para o celular.

— Sim, oi, pode entrar.

Ele olhou para mim e ficou parado. Então, fiquei parada também.

O homem parecia familiar. De onde eu o conhecia?

— Eu... Eu conheço você — disse ele.

— Acho que conheço você também.

— A gente se conheceu no pátio do Rose Roof Apartments. Há alguns meses — disse ele. — Eu estava com o meu cachorro.

Eu abri um sorriso.

— Doobie! Eu lembro.

Nossa! Naquele dia, ele estava bonito, mas agora estava incrível. Ele cortou o cabelo e aparou a barba.

Ele estava olhando para mim como se tivesse visto um fantasma.

— Então você trabalha aqui? — perguntei.

— Eu moro aqui. É, faço a manutenção daqui.

Sorri.

— Foi aqui que você foi picado por vespas?

Ele acenou para o caminho por onde veio.

— Lá no estacionamento.

— Então foi *você* quem tirou aquela colmeia. Um herói.

Ele riu, ainda olhando para mim com os olhos arregalados.

Eu não podia acreditar.

Pensei muito nele desde aquele dia. Não conseguia deixar de pensar naquela pequena conexão que tivemos, mas nunca na vida pensei que o veria outra vez.

Ele pigarreou.

— Então sua porta está quebrada?

— A porta de vidro de correr da sala — disse eu, apontando com o polegar por cima do ombro. — Está prendendo.

— Tá. Vamos dar uma olhada.

Eu me afastei e o deixei entrar, e ele foi em direção à varanda. Observei enquanto ele caminhava.

Ele preenchia a sala e fazia isso da melhor maneira. Era alto e imponente, mas com uma espécie de doçura amigável.

Eu o conhecia de ouvir falar. Ele visitava os inquilinos idosos do prédio; meu vizinho de porta havia comentado comigo.

De repente, fiquei desorientada. Fiquei nervosa, como em um primeiro encontro que me deixou muito animada.

Coloquei meu cabelo atrás da orelha.

— Então, faz muito tempo que você mora aqui? — perguntei.

O cara olhou para mim.

— Não muito. E você?

— Desde dezembro.

Ele começou a deslizar a porta de um lado para o outro. Uma bela flexão de bíceps.

— Nunca vejo você — disse eu, admirando a vista enquanto ele não estava prestando atenção.

— Moro do outro lado do condomínio.

— E você, gosta de morar aqui?

— Gosto. São os ócios do ofício.

Eu ri da piada interna, e ele sorriu para mim. Isso quebrou a

tensão estranha.

— Então, como você tem passado? — perguntou, agachando-se para olhar o trilho da porta. — A última vez que te vi, você comentou que teve um dia difícil.

Coloquei as mãos nos bolsos de trás.

— Bem. Ótima, na verdade. Tenho feito algumas mudanças que precisava fazer. Assumir a responsabilidade pela minha própria infelicidade.

Ele parou.

— Tenho feito a mesma coisa... Nunca ouvi ninguém usar essa expressão antes — respondeu, olhando para mim de maneira estranha.

— Qual?

— A coisa da responsabilidade pela infelicidade.

— Ah... Sim, é meio que a minha filosofia agora.

Ele estava me analisando.

— A minha também.

Houve uma pausa estranha na conversa.

— Então, a porta... — disse eu.

Ele pareceu voltar dos seus pensamentos.

— Acho que o trilho precisa ser trocado. Quero fazer isso esta noite; não quero deixar você com uma porta que não fecha direito. Preciso passar na Home Depot.

— Também estava indo para a Home Depot. — Pensei um pouco. — Não estou dizendo que devemos ir juntos — disse eu, logo depois. — Só queria que você soubesse que, se me vir por lá, não estou te seguindo.

— Que obra você vai fazer?

Apontei com a cabeça para a cozinha.

— Vou pintar.

Ele olhou para a pia e ficou encarando.

— Onde você comprou essa bonequinha?

Em seguida, virou para mim.

— Foi um presente.

Silêncio.

— Você é enfermeira? — perguntou.

— Sou. Sou enfermeira de pacientes terminais.

Ele parou para pensar.

— Você dirige um Honda branco?

— Sim...

Algo se moveu no rosto dele.

— Eu te dei isso.

Pisquei para ele.

— O quê?

— Eu também enchi seu pneu e, sem querer, coloquei um cartão de Dia dos Namorados no seu para-brisa.

Eu fiquei sem palavras.

— Foi você...? — sussurrei.

— Fui eu. John. O Pior Cupido do Mundo... *Você é a H?*

— Holly — respondi, com o coração acelerado.

Ficamos olhando um para o outro. Da mesma maneira que fizemos naquele dia no pátio. Só que ali eu estava em um lugar tão diferente que não precisei desviar o olhar.

Parecia que eu não conseguia respirar. Era bom demais para ser verdade. Meu anjo da guarda!

Ele molhou os lábios.

— Eu não faço isso. Tenho regras muito rígidas sobre dar em cima de moradoras, e sinto-se à vontade para me mandar cair fora. Mas você quer sair algum dia? Só, sabe, para um café? Ou jantar? Eu poderia te levar à Home Depot. Nós dois precisamos ir. Posso te ajudar a encontrar o que procura lá.

Eu tive que rir.

— Quero — disse. — Você, com certeza, pode me levar pra sair. E acho que o que procuro já está aqui.

Agradecimentos

Um grande agradecimento a todos que trabalharam nesta coleção na equipe da Amazon. Obrigada, Maria Gomez, por me convidar para participar deste projeto. Que equipe incrível você montou! Não acredito que posso compartilhar os créditos com Sally Thorne, Jasmine Guillory, Sariah Wilson, Ashley Poston e Christina Lauren.

Stacey Graham, dois em um ano!

ABBY JIMENEZ é autora best-seller do *New York Times* e ganhadora do Minnesota Book Award de 2022 por seu romance *Life's Too Short*. Abby fundou a Nadia Cakes na cozinha de sua casa em 2007. A partir daí, a confeitaria venceu inúmeras competições da Food Network e, como seus livros, conquistou seguidores internacionais. Abby adora um bom romance, café, doguinhos e ficar em casa.

Copyright © 2024 by Abby Jimenez
Todos os direitos reservados.
Publicado mediante acordo com Amazon Original Stories.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Worst Wingman Ever

CAPA Caroline Teagle Johnson

IMAGEM DE CAPA © Kwangmoozaa, © 3d imagination / Shutterstock

PREPARAÇÃO BR75 / Aline Canejo

REVISÃO BR75 / Clarisse Cintra

VERSÃO DIGITAL BR75 / Raquel Soares

ISBN 978-85-8439-4067

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

editoraparela.com.br

atendimentoao leitor@editoraparela.com.br

facebook.com/editoraparela

instagram.com/editoraparela

twitter.com/editoraparela